

# DA AMIZADE AO AMOR, DO AMOR A AMIZADE

Joao Vitor Minari

Aluno do Curso de Filosofia - Mackenzie

## **Introdução**

A amizade e amor são temas que permeiam a vida dos homens, são quase atemporais, entretanto quanto mais complexo se torna o contexto histórico, mais se encontram variáveis.

Desde os tempos antigos, precisamente nos gregos, a amizade vem sendo vinculada ao amor, e vice-versa. Podemos referendar o tema dizendo que o amor aparece logo no início da cosmogonia grega como sendo um elemento primordial: do Caos, emergem Eros (amor), o Tártaro (a escuridão), e Géia (terra). O amor existe desde sempre, e sem a sua presença seria impossível a formação, não só do universo, mas de todas as coisas que o compõem; na medida em que o Eros (amor), entendido como força agregadora seria capaz de manter juntos os elementos que são opostos e dispersos. No pensador pré-socrático Empédocles, encontra-se a presença dos quatro elementos – água, terra, fogo e ar – reunidos tão somente pelo amor, que para o pensador, é

entendido como o 5º elemento, visto que o amor é que une todas as coisas, e o ódio (ou discórdia) as separa.

Nossa investigação procura, portanto, restaurar a importância do amor e da amizade não só nos meandros da filosofia, mas também no cotidiano, posto que estes abrilhantam o significado da existência humana.

Diferentemente da palavra amor na língua portuguesa, os gregos apreendem seu significado em três vertentes - Eros, Philia e Ágape. Eros, este entendido como filho de Caos e posteriormente antropomorfizado sob a forma de cupido era uma criança de grande beleza e com seu arco, atingia com flechas de amor os deuses e os humanos. Atingia-os em seu fígado, indo de encontro ao que se diz de costume que ele acerta o coração. Eros representa aquele amor mais carnal, a paixão. Para Platão, Eros também ajudava a lembrar da beleza da alma, onde são todos inspirados a procurar essa beleza através de Eros.

Philia, por sua vez, é um termo que foi levado a cabo por Aristóteles, que incluía a lealdade, justiça, família, que é necessário a virtude para ter, pois como ele mesmo afirma: “Quando as pessoas são amigas, não tem necessidade de justiça” (ARISTÓTELES: ----,pg. 153). Até mesmo a palavra Filosofia é uma composição escrita a partir de dois radicais gregos: Philia e Sophia. O primeiro termo, designa a amizade, e o segundo, Sabedoria. Logo, é aquele amor ao conhecimento, ser amigo da sabedoria.

Por fim, Ágape se refere ao divino, é o mais elevado dos dois, entretanto não pertence ao escopo deste trabalho.

Esclarecido agora os três tipos de amores gregos, podemos passar adiante no sentido do que era a amizade, começando pelos três sentidos dados por Aristóteles em Ética a Nicômacos. O pensador grego exprime melhor o que seria essa amizade que, dividida em três - a amizade através do prazer, a amizade segundo a utilidade, e por último a amizade perfeita ou amizade segundo a virtude - leva a um bem maior para a sociedade grega, Para Aristóteles, os homens não só por necessidade, mas porque gostam da

companhia uns dos outros se associam, de modo que inicialmente, temos a primeira forma de associação – homem e mulher, logo em seguida, pais e filhos e assim temos a família. A associação de famílias forma as aldeias e em seguida, a Pólys. Destarte, o homem é um ser naturalmente sociável, de modo que a presença de amigos, além de ser algo natural, é imprescindível na medida em que faz parte da realização humana.

A amizade segundo o prazer, é aquele tipo que os indivíduos tem em relação ao que é agradável entre si, ou seja, pessoas espirituosas, por exemplo, poderiam ser consideradas donas de amizades segundo o prazer, não pelo seu caráter, mas sim, devido ao prazer que pode proporcionar ao próximo, ou aquele que esta no seu circulo de amizades.

A amizade segundo a utilidade visa principalmente, o bem que essa pessoa pode proporcionar a outra e vice-versa. Sempre esperando por algo de útil dessa amizade, nunca levando em consideração seu caráter, apenas logicamente, a sua utilidade.

E por ultimo, tem-se a amizade segundo a virtude, ou amizade perfeita, que seria a “melhor” amizade que Aristóteles coloca em seu tratado sobre a ética (Ética a Nicômacos, livro X), que seria uma amizade baseada na virtude, caráter das pessoas envolvidas, que elas seriam logicamente de virtudes e características parecidas e pessoas boas, idôneas, pois, sendo assim, desejariam sempre o bem igual ao bem que recebe de seu semelhante. Porém, como o próprio autor coloca, homens assim são peças raras de se encontrar, logo, amizades deste porte também. Tanto a amizade segundo o prazer, e a amizade segundo a utilidade podem ser consideradas efêmeras, pois assim que cessam o prazer ou a utilidade desses tipos de amizade, da mesma forma se extinguem; enquanto que na amizade perfeita já não passa por este tipo de problema, pois ela não tem onde acabar, já que um homem deseja para seu semelhante um bem igual ao que recebe.

Mas não poucos aspectos da amizade são objeto de debates. Alguns estudiosos do assunto definem a

amizade como uma espécie de semelhança entre as pessoas e dizem que as pessoas semelhantes são amigas. (ARISTÓTELES, 2001, p. 154).

Essa temática continuou sendo perseguida pelos pensadores através dos séculos, até a chegada da modernidade no séc. XVII, onde por sua vez, Montaigne, em seus **Ensaio**s coloca de uma forma peculiar a sua amizade com La Boétie, que muito se assemelhou a um tipo de amor, comparado muitas vezes ao amor entre irmãos, e da qual Montaigne tinha muito orgulho. Seu livro foi escrito depois da morte de La Boétie, e mantendo pelo amigo o mesmo respeito, a mesma amizade. Constantemente Montaigne faz uso dos gregos para validar sua tese, o que nos remete novamente a Aristóteles, e de que a amizade, que nesse caso passou para o amor, um amor que pode ser comparado ao Eros grego, já ultrapassando a Philia.

Ó irmão, como sou infeliz por te haver perdido! Contigo pereceram de um só golpe todas as nossas alegrias e esse encanto que tua suave amizade deitava em minha vida. Ao morrer, irmão, despedaçaste toda a minha felicidade; minha alma desceu ao tumulto com a tua. Desde que não és mais, disse adeus ao estudo e todas as coisas da inteligência. Não poderei mais falar-te e ouvir-te? Nunca mais te verei, então, ó irmão mais caro que a vida! Ah, ao menos amar-te-ei sempre. (MONTAIGNE, 1984, pg. 94).

Destarte, Aristóteles e Montaigne são dois pensadores que se debruçaram sobre esse assunto tão peculiar, mas também nos valeremos das contribuições da literatura que sempre abriu as portas para esta discussão.

Logo no início do Sec. XX nasce Antoine de Saint-Exupéry, que com suas obras, dava lições de como funcionam as amizades e os amores. No **O Pequeno Príncipe** (sua maior obra), isso acontece claramente: o pequeno príncipe abandona seu asteróide, o B-612, e com uma revoada de pássaros viaja pelos outros planetas, abandonando sua única amiga até o momento, uma rosa com quatro singelos e inofensivos espinhos, que se achava a flor

mais bela que existia. Decide ir em busca do significado da amizade, e viajando entre asteróides e vários outros planetas, conhece diversos homens com quem trava pequenos diálogos, mas de grande peso e teor filosófico. Nesta trajetória, conhece o verdadeiro significado de uma amizade verdadeira. Percebe-se, nas entrelinhas da obra que o do próprio Saint-Exupéry se coloca como personagem, re-aprendendo o seu significado. Com o decorrer do conto, o pequeno príncipe descobre que sente falta de sua rosa, e que não pode ficar longe dela por muito tempo. Nos vários momentos que se sucedem na obra, se destacam os diálogos com a raposa, com um geógrafo, com um jardim cheio de outras rosas, e finalmente com Saint-Exupéry. Mas assim como Montaigne coloca, não é com todos que se pode ter uma amizade verdadeira, e que nem todas elas podem ser. O pequeno príncipe em sua grande viagem fez apenas dois amigos (e ainda assim não são amizades verdadeiras), a raposa, e ele mesmo, Saint-Exupéry. Quanto a todos os outros, nada fez senão umas visitas, algumas perguntas (comparado a Aristóteles, são elas amizades de ocasião, de interesse). Pois o pequeno príncipe queria o conhecimento que existia dessas pessoas, esse conhecimento poderia ser desde algo simples, como o dialogo com o beerrão, ou algo mais profundo como com o geógrafo, onde ele descobriu que sua rosa era efêmera, o que o deixou muito assustado, e com medo de perder sua amiga.

- Tenho também uma flor.
  - Nós não anotamos flores – disse o geógrafo.
  - Por que não? É o mais bonito!
  - Porque as flores são efêmeras.
  - Que quer dizer ‘efêmera’?
  - (...)
  - Quer dizer ‘ameaçada de desaparecer brevemente’.
  - Minha flor esta ameaçada de desaparecer brevemente?
  - Sem dúvida.
- ‘Minha flor é efêmera’, pensou o pequeno príncipe, ‘e não tem mais que quatro espinhos para defender-se do

‘mundo! E eu a deixei sozinha!’ (SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 55-56).

Podemos mais uma vez fazer referência a Aristóteles aqui, que com o exemplo claro de Saint-Exupéry, a amizade ainda é um tema que carece de estudo, de aprofundamento, com o agravante fato de que, aparentemente as pessoas esqueceram o seu verdadeiro significado.

O que se pretende trazer aqui é primeiramente mostrar o limiar entre esses dois sentimentos que temos em relação ao próximo, o que faz a amizade passar ao amor, e o amor à amizade, e procurar o porquê das pessoas terem, aparentemente, perdido esse conhecimento das relações entre amizade e amor, mesmo sabendo-se que as pessoas ainda mantem suas amizades, e as criam a qualquer hora e em qualquer lugar.

Em um mundo em que a vida se une tanto à vida, em que as flores amam tanto as flores na luta dos ventos, em que o cisne conhece os cisnes, só os homens constroem sua solidão. (SAINT-EXUPÉRY, 1971)

## **Método**

A pesquisa será de cunho qualitativo, abrangendo de forma sistemática a leitura, fichamento e a análise de tais textos, de modo que o material recolhido passará por uma revisão completa, instrumentalizando o referencial teórico do tema proposto. Serão investigados os conceitos pertinentes aos três tipos de amor gregos: Ágape, Philia e Eros. Num segundo momento, a leitura sistemática dos textos selecionados de Aristóteles, que servirá de fundamento e seus comentadores. Posteriormente, serão estudados os autores subsequentes.: Montaigne e Saint-Exupery. Nossa pesquisa intenta explorar também se no nosso contexto histórico há ou não a manutenção de verdadeiras amizades e detectar suas variáveis e suas conseqüências.

## **Referencias Bibliográficas**

ARISTOTELES. Ética a Nicômacos. Brasília: Editora UnD, 2001

\_\_\_\_\_. Política. Brasília: Editora UnB, 1997

BRANDÃO, J.S. Mitologia Grega Volume I. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986

MONTAIGNE, M. Ensaaios. São Paulo: Abril, 1984 (Os pensadores).

SAINT-EXUPÉRY, A. O Pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Agir , 2005.

VERNIANO, S.H. Pensamentos de Saint-Exupéry. São Paulo, s/Ed. 1971.